

V REA XIV ABANNE

Maceió, Alagoas, 17 a 22 de julho de 2015

GT 01 – Antropologia das Emoções e da Moralidade: emoções, lugares e memória
Coordenadores: Mauro Guilherme Pinheiro Koury (UFPB); Maria Cristina Rocha Barreto (UERN); Raoni Borges Barbosa (UFPE)

Koury: Uma história das Emoções

*Raoni Borges Barbosa*¹

Resumos: Este trabalho busca explorar a obra antropológica de Koury, de modo a isolar o esquema conceitual do autor enquanto teórico da antropologia das emoções no âmbito de uma filiação simbólico-interacionista fortemente influenciada pela filosofia social simmeliana, pela sociologia figuracional eliasiana e pelos trabalhos de Mead, da Escola de Chicago, Goffman, Scheff, Velho, DaMatta e outros. Pretende contextualizar a obra de Koury no suporte institucional oferecido pelo GREM, bem como situá-la enquanto esforço de consolidação do campo das emoções na academia brasileira. Os trabalhos de Koury objetivam apreender e compreender a emergência do indivíduo e de uma cultura emotiva individualista no Brasil urbano contemporâneo, de modo que o interesse do autor se concentra no estudo da sociabilidade urbana e de seus códigos de moralidade engendrados na tensão indivíduo-sociedade. O fenômeno das emoções aparece como o fato social total para a compreensão do espaço societal a partir dos sentimentos de luto, medos, constrangimentos, vergonha, gratidão, pertença, segredos, confiança e confiabilidade, lealdade, solidariedade e outros. **Palavras-Chave:** Koury, antropologia das emoções, GREM

O GREM – Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções, instituído em 1994, é o lócus onde se desenvolvem os trabalhos de Koury, tem por objetivo o estudo da formação das emoções, enquanto cultura emotiva. Desenvolve estudos e pesquisas sobre o processo de formação e experiências sobre emoções específicas em sociabilidades dadas (KOURY, 2014a). Koury se destaca como um antropólogo das emoções e se situa na tradição simbólico-interacionista da antropologia das emoções. Coelho e Rezende (2011) afirmam a sua importância para a antropologia das emoções, tanto no esforço pioneiro de mapear o campo no Brasil, quanto nos estudos sobre luto e medos no urbano brasileiro contemporâneo. Entre os estudos por ele desenvolvidos enfatizamos três: sobre luto no Brasil contemporâneo (KOURY, 1992); sobre medos corriqueiros (KOURY, 2000a); e sobre solidariedade e conflito sob intensa pessoalidade (KOURY, 2012).

A categoria de análise Emoções

A obra de Koury se situa em uma proposta de microanálise do social, com ênfase nos fenômenos da intersubjetividade em uma cultura emocional dada. Está

¹Pesquisador do GREM/UFPB e doutorando pelo PPGA/UFPE.

inscrita nas fronteiras entre os paradigmas contextualista, historicista e culturalista das emoções. Os trabalhos de Koury tecem uma crítica às macroanálises pautadas em uma lógica linear e estrutural do espaço societal, e desinteressadas no processo contínuo de formação de sociabilidade no cotidiano. Advoga o uso da categoria analítica das emoções e enfatiza a busca de apreender e compreender o indivíduo relacional e a subjetividade como fontes e forma de manifestação e configuração do social.

Emoções, Sociedade e Cultura, (KOURY, 2009) é um passeio pelos clássicos até os estudos mais recentes que fundam o campo da antropologia das emoções. Considera também como a disciplina se consolida no Brasil nos últimos vinte anos, e como o fenômeno *emoções* passa a ser encarado como problema antropológico. Cabe ao estudioso entender o processo de gênese e a dinâmica da cultura emotiva a partir das experiências e vivências emocionais de atores sociais concretos imersos no conflito real do contexto social relacional em que agem.

A cultura emotiva significa um repertório de conceitos simbólicos, linguísticos e comportamentais que orienta a ação social. Nesta matriz axiológica em constante rearranjo, a interação assume contornos processuais e as emoções se organizam no jogo relacional entre indivíduos e entre indivíduos, sociedade e cultura. Entender a dimensão subjetiva se faz tão importante quanto apreender as formas relacionais em que se instituem a ação social e a dimensão objetiva das emoções: a análise do conflito entre cultura objetiva e cultura subjetiva. A problemática da vida emocional dos indivíduos sociais é fundamental para o entendimento do social e do humano.

Emergência de uma nova sensibilidade no Brasil urbano contemporâneo

Em *A Sociologia da Emoção: O Brasil urbano sob a ótica do luto*, Koury (2003) analisa a emergência de uma nova sensibilidade ou cultura emotiva no Brasil, a partir dos anos de 1970. Verifica, com base em um mapa do sentimento brasileiro sobre luto, morte e morrer, que estes fenômenos passaram processualmente a ser classificados e significados segundo a lógica de uma sociedade em transição para códigos mais individualistas, impessoais e mercantis de sociabilidade urbana². As noções de sociedade relacional e sociedade individualista, de DaMatta (1997), são objeto de crítica no argumento do autor sobre a emergência de uma nova sensibilidade no Brasil urbano contemporâneo. O luto individualizado, privatizado e vivido em solidão faz

²A classe média foi o universo para a percepção das mudanças ocorridas na nova sensibilidade no urbano contemporâneo brasileiro (KOURY, 2003).

parte de um conjunto de transformações estruturais no plano cultural da sociedade brasileira, onde se destacam processos de privatização das emoções, de impessoalidade e individualismo, de insegurança e medos nas relações cotidianas (KOURY, 1993, 1996, 1996a, 1998, 2000).

Estas transformações embaralham o código de etiquetas até então vivido e reorganizam o espaço interacional do homem comum no urbano emergente como um lugar de estranhos e de estranhamento, de enfraquecimento da tradição e de quebra do caráter relacional, pessoalizado e familístico dos códigos de moralidade e da cultura emotiva da época. Estabelecem um espaço interacional de tensões entre o público e o privado que põe em xeque a etiqueta tradicional, de onde emerge uma nova sensibilidade no trato das emoções no esgarçamento das tradições. O que gera a falência de práticas relacionais desindividualizantes, e provoca a retirada do sofrimento do espaço público para o privado (KOURY, 2005, 2010c, 2014b). O homem comum acometido da perda de um ente amado deve portar-se com discrição e manter a reputação no exercício de salvaguardar e ocultar a face. O luto associado à vergonha do sentimento de perda passa a ser encarado como de ordem íntima, subjetiva, a ser vivido na memória pessoal do enlutado (KOURY, 2003, p. 23): traz o argumento eliasiano da constituição da pessoa moderna mediante uma práxis social que expande o limiar da vergonha e da repulsa na interação entre indivíduo e sociedade, através dos processos de sociogênese e de psicogênese da modernidade (ELIAS, 1990, 1993, 1994). A vergonha aparece como a emoção social por excelência: o que aponta para a interdependência emocional das pessoas, potencializada pelo aumento e complexificação das redes de interdependência de uma figuração social dada, de modo que se torna invisível para o indivíduo relacional - fenômeno da vergonha da vergonha.

A discrição, a disciplina e o autocontrole e o alargamento da vida interior passam a conformar o indivíduo relacional enquanto conjunto de representações do Eu como pessoa única que se desloca em um sistema de posições moral e emocional marcados. Conjunto este bastante complexo e perigoso para o indivíduo. Uma economia das pulsões (ou emocional) pautada na repressão das emoções, e nos autocontroles civilizadores, passa a regular as possibilidades do indivíduo de se colocar em interação, e o inscreve em teias de significados de redes de interdependência historicamente datadas. A constituição da pessoa moderna se caracteriza por uma crescente privatização das emoções, em que a subjetividade é classificada como espaço de segredos e de irracionalidades, em oposição ao espaço público, visto como espaço do

mercado e das trocas racionais entre indivíduos autônomos dotados de vontades próprias.

A retirada do sofrimento do público, em razão da privatização das emoções em uma sociedade individualista, classifica o luto como momento de vergonha pela perda, encarada como fracasso pessoal e/ou civilizatório. O luto é vivenciado como solidão e como discrição e performatização da indiferença, ou seja, através do escamoteamento da obrigatoriedade da expressão dos sentimentos. O que gera um sentimento de culpabilidade por parte do enlutado e de medo da contaminação pelo outro da relação. O processo de individuação desencadeado pela morte de um ente amado é interrompido e capturado por códigos impessoais de desempenho de papéis sociais, da discrição, da indiferença, do mascaramento da dor e da mercantilização das relações sociais entre indivíduos socialmente fragmentados. A impossibilidade de vivenciar coletivamente o luto a partir de instâncias desindividualizadoras, como a família, a religião e a comunidade, transforma o sentimento de perda em melancolia. O processo interrompido de individuação pelo luto, quando capturado pelos sentimentos de vergonha e medo, passa a ser socialmente reinscrito como processo de individualização, onde o indivíduo é classificado como uma subjetividade asocial.

A nova sensibilidade é marcada pela constituição do indivíduo como personalidade *blasé*. Este tipo emerge em uma sociabilidade caracterizada pela pulverização dos papéis sociais e pelo anonimato e estrangeirice da cidade como estilo de vida, onde público e privado se tensionam no sentido da negação da subjetividade como parte do social. O espaço público, definido como lugar do socius, se organiza como impessoal, racional, objetivo, palco das trocas monetárias e da economia de mercado, de modo que acontece uma ruptura profunda com as práticas relacionais. O outro é negado como solidariedade e o eu, visto como sujeito individualizado, melancólico, compulsivo, em um estado intenso de presentificação que esvazia os projetos de futuro, é vivenciado como subjetividade nostálgica. A dimensão emocional da existência é tratada socialmente a partir das regras de etiqueta, do princípio do desempenho que privatiza as emoções ou as classifica em oposição à razão e à racionalidade, do descrédito em relação às instituições desindividualizadoras e do antagonismo entre mundo interior (cultura subjetiva) e mundo exterior (cultura objetiva), o que legitima o individualismo como ideologia da modernidade.

Em diálogo com vários autores, Koury (2003; 2003a) discorre sobre a reflexão de Arendt (2000) sobre o fim da política e da tradição na modernidade: a falência da

república, do mundo comum, da tradição, e de Sennet (1998) sobre o declínio do homem público, e enfatiza os processos de privatização das emoções na nova sensibilidade brasileira. Entende que Durkheim aponta para um estado de anomia, de desencantamento do mundo (Weber), de formas *blasés* de existência (Simmel), de melancolia (Benjamim e Freud) que se instauram como consequência da privatização da subjetividade e da relação com o local de origem como de estranhamento. Paralelo à impossibilidade de vivência coletiva do luto, a nova sensibilidade que emerge no Brasil urbano transforma os processos de morte e morrer em vergonha e em interdito no espaço societal: a cultura mortuária passa a ser capturada pelo saber técnico-científico e classificada como fracasso tecnológico. Identifica na espoliação do moribundo (ignorância e negação da morte), na simplificação dos rituais de morte e morrer (impessoalidade e higienização: o cemitério é transformado em um espaço de bem-estar para os vivos) e na recusa do luto como ritual social de individuação e reagregação do sujeito enlutado os elementos enunciadores da ruptura com a tradição relacional que vigeu no Brasil até o limiar dos anos de 1970. A morte e o morrer eram classificados, até então, como ritos de passagem entre as dimensões físicas e espirituais da existência (boa morte), sendo a doença o aviso esperado do término da vida terrena.

A preparação para a morte estava inscrita na normalidade cotidiana, nos códigos de moralidade e na cultura emotiva de uma sociedade relacional, ainda organizada a partir da família extensa, da religiosidade que hierarquizava os tempos e os espaços profanos e sagrados e da prática comunitária de construção dos vínculos de pertença, confiança e confiabilidade que administravam os medos e a vergonha. A ideologia do progresso, pautada nos ideais de urbanização, higienização, culto à máquina e ao trabalho fabril, típicos do capitalismo monopolista, vai ressignificar a morte e o morrer como questão sanitária, como falência civilizatória e constrangimento social. Esse não saber como se portar no espaço público é reconhecido por Elias e por Áriès como traços marcantes da contemporaneidade ocidental, onde se verifica um crescimento acelerado do embaraço do homem comum. Processo que se dá em razão do aumento e da complexificação das cadeias de interdependência da figuração moderna, cuja multiplicidade e variedade de constrangimentos sobre o indivíduo relacional se torna invisível e inconsciente para o homem comum. O que mina a sua confiança no outro e gera um espaço de estranhos, de estranhamentos, de medos e de vergonha da vergonha.

As instâncias sociais de desindividuação perdem sua eficácia simbólica e um sentimento generalizado de mal-estar e de desconforto em face dos imponderáveis e das

contingências da vida se generaliza, fazendo da morte e do morrer um processo melancólico. O material etnográfico produzido nesta pesquisa aponta que a morte, o morrer e o luto passaram a ser sentidos pela classe média urbana brasileira a partir de sentimentos e experiências de solidão, de indiferença, de perda da fé, de insegurança e medo de expressar-se, de culpa, vergonha e constrangimento, de desconforto e mal-estar, de desencantamento e desilusão do mundo, todos eles apontando para uma ruptura profunda com uma cosmologia religiosa antes hegemônica em uma sociedade relacional. Esta ruptura se verifica ainda na incapacidade ritual de administração do luto e na incapacidade de comunicação das emoções por parte do indivíduo, cujo medo de perder a face articula uma postura de distanciamento do outro. Koury (2003) discorre sobre este processo de privatização das emoções, que se cristaliza ideologicamente como individualismo, e ignora a dimensão social das emoções.

Ao abordar a cultura emotiva brasileira sob a ótica do luto, Koury trata de aspectos da cultura funerária e de aspectos amplos da constituição da pessoa e da individualidade neste sistema moral, apresentando e discutindo conceitos caros à antropologia e à sociologia das emoções, tais como: luto e melancolia; dor e sofrimento social; medos, insegurança, mal-estar e desconforto; embaraço, constrangimento e vergonha; discrição, indiferença; tensão público e privado; privatização das emoções. Em um conjunto de ensaios organizado no livro *Amor e Dor* (KOURY, 2005) e em um artigo intitulado *Hacerse Hombre* (KOURY, 2010), demonstra as estratégias utilizadas pelos entrevistados para a vivência particular do luto como subjetividade, em que buscam recuperar o outro perdido e a si mesmo, em um contexto de transição para a privatização das emoções no Brasil. Busca analisar o sofrimento, a insegurança, a vulnerabilidade e os receios enfrentados e manifestos nas relações cotidianas dos indivíduos sociais consigo próprios e com os outros relacionais.

Medos, Vergonha, Confiança e Pertença: os usos das emoções nas estratégias de sociabilidade em cenários tensos

Na obra *O Vínculo Ritual*, bem como nos ensaios produzidos no âmbito desta pesquisa, o autor trata das estratégias de sociabilidade e da cultura emotiva gerada em um grupo de jovens moradores de bairros populares da cidade João Pessoa (KOURY, 2004, 2005a, 2006)³. Grupo de auto-ajuda que opera na busca de construção de uma identidade coletiva que captura o outro, de fora do grupo, e o transforma em um novo

³Estes jovens, na condição de pessoa e projeto coletivo são identificados como o grupo Delta.

ser. Este novo ser, enquanto pessoa ou indivíduo moral que existe no e pelo grupo, é investido da confiança do *Nós Coletivo* que passa a integrar, através da experiência de batismo, onde inicia um processo de aprendizado da ideologia do grupo de igualitarismo, solidariedade e superação da identidade passada e vivência da cultura emotiva Delta. O sentimento de pertença ao grupo, de pertencimento àquele lugar de fala e àquela visão de mundo, implica uma luta constante pelo reconhecimento do mundo social de ser um membro Delta, como uma pessoa que superou as suas próprias dificuldades. A entrada para o grupo é encarada como um renascimento, de modo que há um antes e um depois continuamente lembrado e performatizado.

Esta ruptura com os de fora e com o passado é atualizada como discurso de desculpas e acusações e aparece como um mecanismo de controle do grupo, de administração das tensões com os de fora e de classificação moral dos espaços e hierarquias. O Delta, como projeto coletivo, exige de seus membros compromisso com o *Nós Relacional* (grupo), onde não há e não deve haver hierarquias morais ou clivagens quaisquer. Este *Nós coletivo* se pauta em um sentido mental e em uma sensibilidade comum sobre o que é ser e agir como Delta. Trata-se de uma prática individual e coletiva em sintonia com um código rígido de moralidade em um cenário de monitoramento intenso dos relacionais. Koury desenvolve uma argumentação no âmbito da antropologia das emoções sobre os cenários tensos em que vivem os jovens no Brasil urbano contemporâneo: em redes mais longas e diferenciadas de interdependência e sem o “apoio” das instituições tradicionais desindividualizantes da família, da vizinhança e da religiosidade para a organização de suas curvas de vida. Estes cenários de tensão e desorganização normativa são analisados sob a ótica dos medos, da vergonha, da confiança e da pertença enquanto emoções que conformam e informam um código de moralidade específico e uma sensibilidade particular cotidianos: a identidade coletiva Delta pautada em uma onomástica e uma toponímica próprias, bem como em um código de conduta e comportamento que constrói a pessoa como indivíduo moral novo.

O autor discorre sobre os processos intersubjetivos entre os Deltas em suas trocas materiais e simbólicas cotidianas e ordinárias, e identifica as estratégias de evitação, os regimes de justificação, as vulnerabilidades interacionais, o papel da vergonha e dos medos e da confiança e da traição no controle social e na estabilização de um padrão organizativo ideologicamente afiançado. Apresenta uma análise etnográfica dos processos organizativos internos de sua práxis grupal, sob a ótica das emoções. O medo, emoção central desta sociabilidade, aparece como uma relação social

significativa que conforma e informa os vínculos sociais como relações de confiança, confiabilidade, lealdade, fidelidade, gratidão, segredo, dádiva, traição, vergonha, deslealdade, amizade e outros. O medo de perder a face, de ser mal compreendido, de ser visto como um elemento de intriga e discórdia, de não atingir os ideais Delta de conduta, comportamento e sentimento por si e pelo outro do grupo e de fora de grupo, moldam o cotidiano do indivíduo moral que se desloca por cenários de tensão como membro daquela coletividade.

A onomástica, - o processo de denominação, de uso de apelidos e alcunhas, e de classificação moral dos indivíduos no ato de alçá-los à condição de pessoa renascida no e para o grupo, - aparece como elemento de socialização dos novos membros, bem como de uma prática ritual que remete a um envergonhamento do *self* pelo grupo e o trabalho ininterrupto de superação desta vergonha. O processo de onomástica se caracteriza pelo: “[...] reviver e reconfigurar a fé e a confiança no grupo como um todo, em cada membro, e na relação de igualdade predisposta entre os diversos membros em relação” (KOURY, 2006, p. 11). A situação de cada membro antes da entrada no grupo é vista como de crise existencial, e passa a ser ressignificada no ato do batismo como passado a ser assumido e superado na prática coletiva de exercício do código de moralidade Delta.

Esta ruptura entre passado e presente, vivida como ânsia de transformação interior, de adesão e de aceitabilidade no mundo social mediante a participação no grupo, reforça a ruptura entre os de dentro e os de fora, sendo os de dentro classificados moralmente como dignos de confiança e de confiabilidade e envolvidos no projeto coletivo Delta, e os de fora identificados como o passado superado. Esta fronteira sempre tensa e ambígua entre estabelecidos e outsiders aparece como a possibilidade atual e iminente de pequenas e grandes traições. Koury identifica nos medos e na vergonha as emoções centrais para o entendimento da tensão entre confiança e traição que se verifica entre os Deltas, em seus discursos de homogeneidade, igualdade e solidariedade entre todos os membros e de realização de um ideal de ser e estar no mundo enquanto superação da problemática existencial de onde cada membro originalmente se encontrava. Esta tensão pode ser percebida claramente nos usos dos apelidos de batismo ou registros de individualidade e aceitabilidade no sistema moral do grupo. Este exercício de pertença, vinculado à rememoração de um passado vergonhoso ao qual não se quer voltar, coloca os medos e a vergonha como estratégias de controle e integração social. O apelido, deste modo, não somente conforta e aproxima cada

membro, mas, também traz consigo a possibilidade sempre latente de envergonhamento e de amedrontamento do indivíduo pelo grupo (KOURY, 2006, p. 7).

O espaço interacional se configura como ambíguo e ambivalente, perpassado pelos silêncios, interditos e segredos de uma dimensão oficiosa e liminar. O que exige de cada membro uma etiqueta específica de cuidados e de discrição como modo de se deslocar pelas fronteiras e hierarquias invisíveis no grupo. A sociabilidade, os códigos de moralidade e a cultura emotiva Delta se caracterizam pela pressão moral que o grupo exerce sobre cada individualidade, constringendo-a cotidianamente desde a sua fundação como identidade individual inscrita no projeto, no tempo e no espaço coletivo. Nas palavras de Koury (2006, p. 15) os sentidos da pertença no contexto Delta podem ser entendidos através da fundação do indivíduo no e pelo grupo, para o qual deve dirigir suas ações.

A ambiguidade e ambivalência nos processos de sociabilidade podem ser localizadas na tensão da construção de uma individualidade que se quer entender autônoma, mas que é fundada em um projeto de identidade coletiva do qual não pode escapar sem destruir-se a si mesmo e pôr em perigo todo o grupo. O medo da traição e da não efetivação do projeto ideal de pessoa Delta constitui o vínculo ritual que une cada membro como curva de vida individual inscrita em uma comunidade de afetos. A confiança, emoção basilar no processo de conformação de um indivíduo moral, aponta para elementos de solidariedade dos que fazem parte do grupo, bem como para marcadores mais objetivos, tais como comportamentos sociais singulares, específicos que operam como fronteiras Nós – Eles. A confiança promove a segurança íntima de procedimento, de compartilhamento das regras do jogo interacional: o outro é classificado, cognitiva, emocional e moralmente como prolongamento do Eu, de modo que se torna sujeito de fala e de ação, um sujeito de sentidos.

A construção da confiança possibilita, ainda, o nascimento simbólico para o mundo, de modo que um lugar de visibilidade se organiza como o lugar de semelhança e de identificação, de familiaridade e de afetos, mas, também, de possibilidade de diferenciação, individuação e de fundação de individualidades. O processo de construção da confiabilidade, em contrapartida, desencadeia uma ação de conceber confiança ao outro relacional. Ao ser introduzido no grupo o indivíduo é transformado em uma pessoa relacional e passa a fazer parte de um sistema moral que se entende como comunhão de interesses e vontades, como projeto coletivo: comunidade de interesses e de compreensão do mundo. Esse processo de constituição da pessoa

relacional é articulado como uma revelação que deve transformar a pessoa segundo a cultura emotiva do grupo, que exercita a confiança e a confiabilidade no novo membro.

A confiança e a confiabilidade comunicam um sentimento de proteção e de lealdade a uma comunidade moral, a partir da qual o indivíduo moral infere os fins (valores) e os meios (normas) da ação social legítima. O confiar e o conceber confiança, assim, são operadores da ação social no sentido em que minimizam o problema da contingência e da complexidade inerentes ao espaço interacional, sempre tenso, conflitual, indeterminado e em constante refazer-se. A confiança e a confiabilidade são os elementos basilares do elo de reciprocidade, sobre o qual o sistema moral se organiza através de processos intersubjetivos e comunica sentimentos de honra, honestidade, sinceridade, pureza de sentimentos e outros, bem como define o que pode vir a ser classificado como ofensa moral. A performance cotidiana dos Deltas se pauta no esforço de manter a ordem social, ou seja, de evitar situações de quebra de confiança que ponham em risco a segurança interna e externa do grupo.

A confiança e a confiabilidade, neste sentido, indicam a cristalização de um espaço interacional tanto na dimensão da cultura subjetiva quanto da cultura objetiva, ou seja, os indivíduos relacionais partilham de uma autodisciplina mínima exigida pelo constrangimento do encontrar-se com o outro, sempre uma aventura recheada de medos e vergonha. A intensa pessoalidade e a co-presença acentuada caracterizam os Deltas como sociabilidade engolfada, onde cada membro deve subsumir-se à identidade coletiva, e refrear os seus projetos de individuação e de individualização: o que indica uma cultura emotiva regulada por um forte sentimento de vergonha, do medo de não estar à altura da moralidade do grupo (KOURY, 2006, p. 29). Argumenta, assim, no sentido da conformidade moral, cognitiva e emocional dos indivíduos relacionais enquanto “Nós”, como processo basilar da emergência de uma cultura emotiva. Desta forma, os sentimentos de pertença, confiança, medos, vergonha, lealdade, fidelidade e outros aparecem como vínculos sociais não somente subjetivamente, mas objetivamente situados e expressos nas ações dos indivíduos relacionais que movimentam um sistema moral.

A identidade individual não se dissocia da identidade coletiva. O Eu se constrói e se reconhece enquanto Nós, na forma de compromisso moral, de compartilhamento de sentimentos e de projetos, que se verifica na articulação de medos corriqueiros nos discursos e ações dos membros do grupo, mas também no sistema vergonha/orgulho que orienta as ações individuais e coletivas. O orgulho que enfatiza a pertença ao grupo

aparece em discursos de sacrifício pessoal, enobrecimento e autodisciplina, classificados como ações modelos. Estas ações modelos e a pressão moral pela subsunção do corriqueiro e ordinário no “ideal” geram um cenário tenso de medos, vergonha, suspeição, silêncios e discricção, e ainda de disputas morais em torno de negociações sobre fronteiras e hierarquias invisíveis negadas pela ideologia do grupo, mas que operam como um intrincado e confuso sistema de proteções e intermediações.

O ocultar, o salvar e o elaborar a face são exercícios cotidianos e se tornam parte central de uma etiqueta pautada na discricção e no autocontrole de si quando estes relacionais são expostos ao constrangimento de espaços interacionais engolfados ou de cadeias de interdependências longas e complexas, onde paira sempre o medo da humilhação e a pressão moral do estigma, ainda que vergonha e medos sejam invisibilizados (KOURY, 2006, p. 44). A discricção, assim como a dimensão oficiosa dos processos interacionais, coloca o segredo como bem simbólico que os une, remete a experiências e memórias singulares e aponta para a confiança e confiabilidade depositada no outro da relação.

O autor destaca a positividade do segredo para a conformação do social. Momento instituinte fundamental do social, o segredo assemelha e sedimenta o Nós relacional, e possibilita a construção de projetos comuns em uma teia de significados que norteia a ação coletiva. O segredo remete também ao medo da traição. O outro é visto como fonte de medos e de angústias, gerando a necessidade de controle social e de administração das informações sensíveis que possam por em risco o vínculo social. O segredo está recheado de inseguranças e de estratégias de disciplinamento de si e do outro que buscam manter a sua eficácia simbólica. Koury (2006, p.45) a partir da reflexão etnográfica sobre os Deltas, discorre sobre o social como jogo tenso, conflitual, indeterminado, de disputas morais e negociações indenitárias (onomástica, toponímia, administração das tensões). No jogo social as emoções centrais como medo, vergonha e pertença são processualmente articuladas em uma cultura emotiva dada na mediada em que confiança, confiabilidade e segredo, enquanto operadores do social e estratégias de aproximação e afastamento, semelhança e dessemelhança, engendram os processos de reciprocidade, lealdade e fidelidade de um sistema moral.

O Vínculo Ritual apresenta conceitos caros à antropologia das emoções. Conceitos que aparecem tensionados em situações etnográficas, como: medos e pertença; vergonha e orgulho; confiança e confiabilidade; lealdade, fidelidade e reciprocidade; segredo e traição; sistema e complexo moral; indivíduo relacional e

outros. O autor apresenta uma reflexão sobre os sentidos da pertença. Sentidos engendrados nos processos de sociabilidade de indivíduos relacionais que se deslocam em cenários tensos de constituição identitária, individual e coletiva sob a ótica do medo da traição e da insegurança individual de não realizar o ideal do grupo.

Medos e medos corriqueiros como emoções centrais da sociabilidade urbana brasileira

Os medos e os medos corriqueiros constituem na cidade, - entendida como uma complexa rede de conflitos e solidariedade onde se processam as trocas materiais e simbólicas de indivíduos relacionais em jogo comunicacional, - o elemento fundamental de estruturação do cotidiano do homem comum. Koury apresenta esta problemática em uma série de estudos sobre como as emoções medos e medos corriqueiros, se manifestam no espaço societal brasileiro (KOURY, 2002, 2005b, 2010b, 2011). Estas emoções denotam configurações sempre tensas, ambivalentes e conflituais de ordem e desordem, normalidade e desvio, estranhamento, pertencimento e semelhança e dessemelhança no espaço societal, e apontam para as fronteiras de uma sociabilidade e para o ethos de uma cultura específica. Os conceitos de medos e medos corriqueiros são desenvolvidos em Koury a partir de uma reflexão continuada sobre outras emoções e operadores sociais dos processos intersubjetivos, tais como coragem, sofrimento social, amizade, confiança, vergonha, segredo e outros.

A coragem é entendida (KOURY, 2014) como ação em direção ao desconhecido e ao diferente no outro e em si mesmo. Como a emoção que promove o deslocamento do indivíduo social de sua zona de conforto para o estranhamento e para a desnaturalização de sua realidade. O social, - por definição o encontro de subjetividades a princípio estranhas, - é perpassado por medos e medos corriqueiros. A ação cotidiana de coragem, emocionalmente condicionada, parte da irreflexão para a apropriação reflexiva do novo, que se constitui em sociabilidades, conhecimentos e complexificação do espaço societal. O corajoso supera os seus medos e receios e se lança em uma situação para além de seu controle. O ato emocional que caracteriza a coragem implica em solidariedade e altruísmo, pois se lança à alteridade. A coragem, assim como o medo, é inerente ao espaço societal, no qual a contingência, a complexidade e o imponderável da vida exigem soluções cotidianas para as tensões entre as subjetividades em jogo comunicacional (KOURY, 2014). Neste sentido o autor debate o medo como emoção fundamental e base da ação humana. O medo cria expectativas e antecipa ações

no espaço societal. Em tal processo, a coragem, a crença na aventura social, tem um papel destacado.

Enfatiza como em interações grupais o indivíduo depositário da confiança coletiva se arma de uma coragem de que não dispõe enquanto indivíduo, de modo que o arriscar-se, o ter coragem, é condicionado por sinais de confiança por parte do outro. Koury coloca a questão do medo e da desconfiança generalizados como elementos fundamentais de uma sociedade atomizada, na qual cada indivíduo se situa em interações de impessoalidade. Por outro lado, o autor frisa que a relação indivíduo-sociedade não se pauta em determinismos, de modo que a cultura objetiva é constantemente reconfigurada e ressignificada pelos indivíduos em suas trocas simbólicas. A discussão em torno da coragem dialoga com uma abordagem do sofrimento social como emoção recorrente nos processos de sociabilidade no urbano contemporâneo brasileiro. O sofrimento social é definido por Koury (2007) em relação à dor perpetrada pelas injustiças sociais e se insere na violência simbólica que perpassa toda uma cultura emotiva. O sofrimento social se vincula à organização cotidiana da vergonha, da humilhação e da desqualificação de projetos e narrativas de vida, bem como a estratégias de poder assentadas no afastamento e/ou extermínio físico dos que contrariam a ordem estabelecida, ou seja, os medos e os medos corriqueiros são construídos com o fito de preservar o status quo. O sofrimento social está diretamente ligado às estratégias de envergonhamento e de amedrontamento que instituem e mantem um sistema de posições pautado em hierarquias do tipo estabelecidos/outsidiers.

Ao tratar da amizade, Koury (2012a) retoma as discussões sobre a coragem e o sofrimento como emoções vinculadas aos medos corriqueiros de uma sociabilidade dada. A amizade é pensada tendo por pano de fundo os processos de modernização e urbanização brasileira, de modo a apreender a emergência de uma nova sensibilidade na contemporaneidade. A amizade é definida como uma interação intensa baseada no compromisso de lealdade e de fidelidade, onde o laço social gerado promove intimidades possíveis seguradas pela confiança mútua e pela garantia do segredo das intimidades confiadas: o amigo é um ser confessional. A amizade torna-se problemática no mundo ocidental em razão do desaparecimento do mundo comum com a ascensão da economia monetária em um formato capitalista. Tal cenário, verificado no Brasil desde os anos de 1970, indica a fragilidade institucional brasileira e o deserto de sua vida civil, o que provoca um clima geral de desconfiança, solidão e melancolia, somente aplacado nas cada vez mais fragmentadas relações primárias. Koury discorre, assim, para a

compreensão da amizade, sobre a individualização provocada pela dinâmica capitalista, na qual a formação do 'eu' se impõe no espaço societal. Fenômeno que traz em si ambiguidades e ambivalências várias, como a definição deste 'eu' como não social, mas individualizado e solitário.

O esvaziamento do espaço público pela privatização da subjetividade e pela perda de sentidos leva o indivíduo, em uma sociedade atomizada, a compensar este vazio com a possibilidade de construção de laços de amizade. Tal busca é acompanhada por medos e receios de traição. O que gera uma situação de intensa ambiguidade, que redundando em sofrimento psíquico para o indivíduo relacional. Um clima de desconfiança e medos se instaura no espaço societal, onde as alianças se tornam problemáticas e as amizades uma fonte de angústia, sofrimento e insegurança. Koury (2010) aborda estas dificuldades que tangem à gênese e à dinâmica cotidiana de um *Nós Coletivo* mediante a análise do sentimento de pertença com base nos conceitos de confiança, confiabilidade, lealdade, segredo, e também de medos. A confiança significa ver no outro uma extensão do eu, de modo que o indivíduo pertencente ao grupo se torna pessoa na condição de sujeito de fala e de ação em relação aos demais membros; enquanto a confiabilidade significa que o eu se coloca como sujeito de confiança e classifica o outro como confiável.

O sentimento de pertença é assim alicerçado: se promove um lugar de visibilidade para o membro do grupo enquanto semelhante aos demais membros e singular em relação aos mesmos. Um *Nós relacional* constitui, a partir do sentimento compartilhado de pertencimento, um sistema moral e uma pessoa coletiva. Neste sistema moral em que o indivíduo é alçado à condição de pessoa relacional que comunga de uma comunidade de interesses e de compreensão do mundo, este mesmo indivíduo se situa e se submete ao grupo. A lealdade, neste sentido, aponta para o comprometimento do membro do grupo com os códigos de ação cotidiana e o faz merecedor da confiabilidade. A inobservância de tais códigos é administrada mediante mecanismos de controle social que minimizam ou interrompem a interação com o membro desviante, de modo a preservar a coesão interna do grupo. O medo de ser exposto, humilhado, envergonhado por não se adequar ao grupo gera, assim, um ambiente de alianças e acordos silenciados, ou seja, um sistema imbricado de proteções e intermediações que estratificam o grupo em níveis hierárquicos.

O segredo, por sua vez, enquanto comunhão de um bem simbólico que iguala no interior de um grupo e singulariza em relação ao exterior, traz consigo o medo à traição.

O medo de ser traído é, portanto, inerente ao espaço societal. O sentimento de pertença se, por um lado, conduz o indivíduo à sua transformação como pessoa integrada em rituais simbólicos e em um lugar de fala específico, por outro lado significa o medo constante relativo ao fato de mostrar-se sempre merecedor da confiança recebida. O projeto de pesquisa *Medos Corriqueiros* (KOURY, 2002) foi a estratégia de abordagem dos medos no cotidiano do homem comum do urbano brasileiro atual como emoção específica central nesta sociabilidade. Na obra *Medos Corriqueiros e Sociabilidade*, Koury (2005) apresenta e discute alguns dos resultados desta pesquisa, tendo a cidade de João Pessoa-PB, como universo de reflexão.

O seu objetivo é compreender a dinâmica da sociabilidade na cidade, ou seja, o imaginário do homem comum, seus segredos, alianças, estigmas, projetos, estranhamentos e toda uma série de fatores sociais que revelam o ethos de uma cultura e sociedade em processo acelerado de mudanças na configuração urbana e societal. O esvaziamento da vida comunal tradicional, os processos de estigmatização paralelos a processos de construção de alianças e projetos coletivos, a banalização da violência, a tendência a uma sociabilidade mais individualizada e isolada e a ascensão de modos e estilos de vida plurais, são tematizados nesta obra. Esta discussão é levada adiante em *Pertencimento, medos corriqueiros e redes de solidariedade* (KOURY, 2010), onde se busca compreender como se conformam e informam os processos de semelhanças e dessemelhanças no espaço societal urbano a partir da análise de um vasto material sobre a história dos bairros de João Pessoa. Trata-se de um relato etnográfico sobre pertença e redes de solidariedade, medos corriqueiros e violência, bem como sobre as formas de construção de identidades individuais e coletivas a partir do estigma que a cidade impõe aos bairros periféricos.

Estes são apresentados no contexto sócio-histórico da cidade, no qual se descobre o bairro e os tipos humanos que nele habitam, imersos em um ambiente de nostalgia, exclusão e estigma social. Verifica a solidão, o esvaziamento das redes de solidariedade, a acusação de que estranhos ocupam progressivamente os bairros, e a violência trazida por eles à imagem de bairros violentos no imaginário da cidade e das estatísticas policiais. Apesar de ainda considerarem o seu bairro como pacífico e “bom de se viver”. O esvaziamento do espaço público, que destrói o sentimento de pertença, transmutando-o em um sentimento amplamente difundido de saudade do tempo em que a comunidade pulsava com sua vida coletiva, marca fortemente as narrativas e projetos de vida, e gera sentimentos de insegurança e angústia. Da mesma forma, míngua a coragem para

superar as desconfianças e encarar o estranhamento e a tensão inerente ao encontro do outro, e se instaura e consolida o que Koury (2011), em *Medos urbanos e mídia* conceitua como cultura e indústria do medo. O medo, neste sentido, como elemento transgressor aliado ao espírito da aventura, como aloca Koury (2002), em *Medo, vida cotidiana e sociabilidade*, e onde recoloca a questão da coragem cotidiana como aspecto fundamental para impulsionar o indivíduo à recriação de formas de sociabilidade mediante a negação e a superação de imposições sociais, passa a ser fortemente contrabalançado pelos medos corriqueiros que paralisam as trocas simbólicas e materiais dos atores sociais em interação.

É neste cenário que o autor percebe que a juventude brasileira se encontra em processos de mudanças significativas rumo a modos e estilos de vida individualistas. Esta evolução se dá em um ambiente de violência, pobreza e vulnerabilidade, em que o futuro do jovem se apresenta de forma incerta, compreendido nesta cultura do medo que o qualifica como marginal e perigoso. A cultura do medo, ancorada no imaginário brasileiro com seus grupos de extermínio e milícias privadas, é ecoada em uma indústria do medo que chega a consumir 10% do PIB nacional. A cultura do medo isola os moradores da cidade em um espaço privado cada vez mais desvinculado do espaço público, em que a desconfiança em relação ao outro passa a moldar as relações sociais e a violência assume as formas e conteúdos sociais próprios de um modo de vida urbano. Elementos de uma socialização mais pessoalizada e comunitária, como a honra, são confrontados com a força contraditória e antagônica de novas dinâmicas sociais que rompem códigos sociais tradicionais, e, aliada ao descrédito da ordem social embasada na impessoalidade do individualismo quantitativo, em linguagem simmeliana, ocasiona uma situação de agudo sofrimento social, pois implica solidão, isolamento, desconfiança.

Em *De que João Pessoa tem Medo? Uma abordagem em Antropologia das Emoções*, Koury (2008) retoma a discussão das emoções vinculadas ao medo presente e estruturante do cotidiano da cidade. A cidade aprece como comunidade paradoxal, na qual os indivíduos gozam, por um lado, de maior liberdade na criação de si próprios ao se experimentarem e vivenciarem enquanto pessoas envolvidas em laços de pertença e em projetos e narrativas de vida no âmbito de modos e estilos de vida diversos e contraditórios. Por outro lado, se sentem solitários e confusos no esvaziamento progressivo das redes pessoalizadas de existência, onde retiravam sua segurança ontológica. A análise recai sobre o processo de crescimento acelerado e não planejado

da cidade, que passa a abarcar clivagens, segmentações e diferenciações sociais cada vez mais profundas, muitas vezes em amplo antagonismo, e que gera insegurança e medos. A partir desta apreensão do medo, Koury torna possível a percepção de fenômenos sociais como ordem, normalidade, estranhamento, pertencimento, e das fronteiras visíveis e invisíveis do espaço societal (morais, estéticas, axiológicas). Aponta também para uma atualidade tensa, ambígua e impregnada de medos corriqueiros no cotidiano da cidade.

Esses estudos buscam refletir de forma ampla a proposta de pensar o humano e o social a partir da categoria analítica emoções, entendida como fato social total construído na tensão indivíduo, sociedade e cultura, portanto, de dimensão subjetiva e objetiva. Entendem o medo como elemento inerente ao espaço societal, uma vez que o encontro com o outro, ação que instaura o social, implica em estranhamentos, riscos e tensões jamais de todo solucionados pelos indivíduos em jogo comunicacional. Assim que os medos, corriqueiros quando conformam o cotidiano e o imaginário do homem comum, formam e informam as noções de ordem e desordem, de normalidade e desvio, os processos de estranhamento, de estigmatização e de controle social, e, por conseguinte, condicionam fortemente a estruturação dos projetos e identidades individuais e coletivos. O medo, enquanto emoção específica aponta para como se articulam a relação entre indivíduo e sociedade, a própria cultura emotiva e os códigos de moralidade de uma sociabilidade concreta.

Solidariedade e conflito em cenários tensos no urbano contemporâneo brasileiro

O projeto de *Solidariedade e conflito nos processos de interação cotidiana sob intensa pessoalidade* (KOURY, 2012) pretende compreender, na esteira de seus esforços mais gerais de observar e analisar a cultura emotiva do urbano contemporâneo brasileiro em sua dinâmica de emergência do indivíduo e de novos estilos de vida, as relações sociais no cotidiano de um bairro popular. Os processos de sociabilidade e de construção projetiva e identitária dos indivíduos relacionais; os regimes de justificação, de desculpa e acusação de si e do outro; a violência entre iguais; os códigos de moralidade engendrados em um espaço interacional estigmatizado pela cidade e pelo bairro; bem como as estratégias de evitação, de salvaguardar a face e a fachada; de conviver com a fofoca e com a pressão moral da intensa pessoalidade, da co-presença ininterrupta e da desorganização normativa, são analisados neste projeto (KOURY 2013, 2013a, 2014c, 2014d).

O autor parte de uma perspectiva histórica que abarca a evolução da cidade de João Pessoa-PB nas últimas quatro décadas, quando se verifica uma evolução do espaço societal no sentido de uma sociedade cada vez mais individualizada. Observa e analisa, sob a ótica das emoções, como os medos, os receios e as desconfianças se estruturam consoante o lugar de fala dos moradores, e capta o imaginário social do e sobre um bairro submetido ao estigma e a diversas formas de violência. De suma importância para o projeto constitui o fato de o universo trabalhado apresentar um crescimento populacional acelerado e organizado em redes de parentesco e amizade que permitiram uma migração significativa de pessoas do interior da Paraíba para a capital do mesmo estado. A intensa pessoalidade, cujos processos de sociabilidade estão amplamente vinculados ao parentesco, à amizade, aos laços de gratidão, de confiança e confiabilidade, é um dado central para a compreensão de como se articulam a administração dos medos, rancores, iras, dissensos, pontos de evitação, dos insultos morais, das estigmatizações e hierarquias e das narrativas em torno do legítimo e ilegítimo, das disputas intrabairros, da explicação do universo trabalhado em relação a si e em referência aos estigmas sentidos da cidade.

Este projeto de pesquisa tem se caracterizado pela reflexão sobre a cidade. Cidade pensada como espaço de disputas morais, de uma cultura emotiva sempre em construção, a partir da problematização dos fenômenos da solidariedade e conflito entre iguais em situação de pessoalidade, estigma, pobreza e violência física e simbólica no urbano contemporâneo brasileiro.

Considerações Finais

O artigo explorou algumas obras de Koury, identificando o esquema conceitual do autor enquanto teórico da antropologia das emoções. Os seus trabalhos buscam apreender e compreender a emergência do indivíduo e de uma cultura emotiva individualista no Brasil urbano contemporâneo. O interesse do autor se concentra no estudo da sociabilidade urbana e de seus códigos de moralidade engendrados na tensão entre indivíduo e sociedade. O fenômeno das emoções, - teias de sentimentos gerados nos processos intersubjetivos, cristalizados como cultura objetiva e formas sociais, mas também expressos e atualizados enquanto cultura subjetiva e conteúdos sociais, - aparece como o fato social total para a compreensão do espaço societal a partir dos sentimentos de medos, constrangimentos, vergonha, pertença, segredos, confiança e confiabilidade, luto, lealdade, solidariedade e outros.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- COELHO, Maria Cláudia e REZENDE, Cláudia Barcellos. O campo da antropologia das emoções. In: Maria Cláudia Coelho e Cláudia Barcellos Rezende (Org.) *Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 7-26, 2011.
- DaMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e a morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador, 2 vols*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990 e 1993.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Luto, pobreza e representações da morte. In: XIMENES, Tereza (org.). *Novos paradigmas e realidade nacional*. Belém, UFPA/NAEA, p. 281-291, 1993.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A formação do homem melancólico: luto e sociedade no Brasil. *Cadernos de Ciências Sociais*, n. 38, João Pessoa, PPGS/UFPB Campus I, 1996.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Cultura e subjetividade: questões sobre a relação luto e sociedade. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, LIMA, J.C. & RIFIÓTIS, T. (Orgs.). *Cultura & Subjetividade*. João Pessoa: Editora Universitária, p. 29-46, 1996a.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Fotografia, sentimento e morte no Brasil. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (org.). *Imagens e Ciências Sociais*. João Pessoa, Editora Universitária, p. 49-66, 1998.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Luto e sociedade. Reflexões metodológicas sobre uma pesquisa. *Revista do CCHLA*, v. 7, n.1, p. 137-146, 2000.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. “*Medos corriqueiros: a construção social da semelhança e da dessemelhança entre os habitantes das cidades brasileiras na contemporaneidade*” (Projeto de Pesquisa, 2000a).
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Medo, vida cotidiana e sociabilidade. *Política & Trabalho – Revista de Ciências Sociais*, nº 18, p. 09-21, 2002.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Sociologia da Emoção: O Brasil urbano sob a ótica do luto*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O local enquanto elemento intrínseco da pertença. In: Cláudia Leitão (Org.) *Gestão Cultural*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003a, p. 75-88.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Sistema de Nominação, Pertença, Medos Corriqueiros e Controle Social. O uso dos apelidos entre um grupo de jovens da cidade de João Pessoa, Paraíba. *Campos*, v. 5, n. 1, p. 69-91, 2004.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Amor e dor: Ensaios em Antropologia Simbólica*. Recife: Bagaço, 2005.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Viver a cidade: um estudo sobre pertença e medos. *RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, vol. 4, n. 11, p. 148-156, Agosto de 2005a.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Medos Corriqueiros e Sociabilidade*. João Pessoa: Edições GREM / Editora Universitária UFPB, 2005b.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *O Vínculo Ritual: Um estudo sobre sociabilidade entre jovens no urbano brasileiro contemporâneo*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2006.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Sofrimento social – movimentos sociais na Paraíba através da Imprensa, 1964 a 1980*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *De que João Pessoa tem Medo? Uma abordagem em Antropologia das emoções*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Emoções, Sociedade e Cultura: A categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia*. Curitiba: Editora CRV, 2009.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Identidade e pertença: disposições morais e disciplinares em um grupo de jovens. *Revista Etnográfica*, v. 1, n. 14, p. 27-58, 2010.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Estilos de vida e individualidade. *Horizontes Antropológicos*, v 16, n. 33, p. 41-53, 2010a.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Pertencimento, medos corriqueiros e redes de solidariedade. *Sociologias*, nº 25, v. 12, p. 286-311, 2010b.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Volverse hombre. Ambigüedad y ambivalencia em la construcción del género masculino. *Estudios Sociológicos*, v. 38, n. 82, p. 135-168, 2010c.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Medos Corriqueiros urbanos e mídia: o imaginário sobre juventude e violência no Brasil atual. *Revista Sociedade e Estado*, v. 26, n. 3, p. 471-485, 2011.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. “Análise de um bairro considerado violento na cidade de João Pessoa, Paraíba: Solidariedade e conflito nos processos de interação cotidiana sob intensa pessoalidade” (Projeto de Pesquisa, 2012).
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Amizade e Modernidade*. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 11, n. 32, p. 346-360, 2012a.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Solidariedade e conflito nos processos de interação cotidiana sob intensa pessoalidade*. Córdoba, Argentina, Anais do X RAM em CD-ROM, 2013.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Chacina do Rangel: uma análise sobre os processos de ressentimento, estigmatização, medos e vergonha em um bairro popular da cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil. In: *Acta Científica del XXIX Congreso ALAS Chile 2013*. Santiago del Chile: ALAS, v. 1, p. 1-13, 2013a.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Estilos de Vida e Individualidade: Escritos em Antropologia e Sociologia das Emoções*. Curitiba: Appris, 2014.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *A Antropologia e a sociologia das emoções no Brasil: breve relato histórico do processo de consolidação de uma área temática*. Trabalho apresentado no II Simpósio Interdisciplinar de Ciências Sociais e Humanas da UERN, 2014a.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O luto no Brasil no final do século XX. *Caderno CRH, Salvador*, v. 27, n. 72, p. 593-612, Set./Dez. 2014b.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Ressentimento e regras morais de conduta em um bairro popular da cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil. In: *Actas del XI Congreso Argentino de Antropología Social*. Rosario, Argentina: XI CAAS 2014, p. 1-20, 2014c.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Relações sociais no cotidiano: processos de sociabilidade e de justificação como formas renovadas de solidariedade e conflito. *RBSE. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 13, p. 285-300, 2014d.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro ‘Sobre o significado de coragem’. In: *Estilos de vida e individualidade: escritos em antropologia e sociologia das emoções*. Curitiba: Appris, 2014, p 81-89.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, ZAMBONI, Marcela, BRITO, Simone. Como se articulam vergonha e quebra de confiança na justificação da ação moral. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 6, n. 2, p. 251-268, 2013.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: As tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.